

A CASA CASA DE MOBILIÁRIO E DE DECORAÇÃO DE CIPRIANO DE OLIVEIRA E SILVA, NO PORTO

CIPRIANO DE OLIVEIRA E SILVA'S FURNITURE AND DECORATION BUSINESS IN PORTO

Gonçalo Vasconcelos e Sousa*
Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa

Resumo

Na cidade do Porto, em Portugal, o comércio de mobiliário e de decoração assistiu à criação, cerca de 1874, da loja de Cipriano de Oliveira e Silva (1848-1899). Este estudo pretende contextualizar a biografia deste marceneiro e comerciante, bem como os meandros deste negócio, enquadrando-o nos estabelecimentos similares do Porto e de Lisboa. É traçada a sua evolução histórica, indicados os locais onde funcionou e alguns dos seus fornecedores, bem como os prémios e outros reconhecimentos obtidos, designadamente o de fornecedor da Casa Real (1877). O tipo de mobiliário e os trabalhos de decoração realizados por esta casa serão alvo de especificação e de contextualização histórica e estética. Nele surgem analisados, igualmente, os trabalhos que a casa efetuou para alguns dos seus clientes, designadamente o 1.º conde de Margaride, o Eng. José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, o Dr. Leopoldo Mourão e Francisco de Campos Moraes.

Palavras-chave: Porto, mobiliário, decoração, século XIX, Cipriano de Oliveira e Silva, clientela.

Abstract

In Porto, Portugal, the furniture and decoration trade saw the establishment of Cipriano de Oliveira e Silva (1848-1899) around 1874. This study aims to contextualise the biography of this cabinet-maker and merchant, as well as the intricacies of this business, placing it in the context of similar establishments in Porto and Lisbon. The historical evolution of the commercial establishment is traced, the places where it operated and some of its suppliers are indicated, as well as the awards and other recognitions it received, namely that of supplier to the Royal Household (1877). The type of furniture and decorative work carried out by this house will be specified and put into

historical and aesthetic context. It also analyses the work the house did for some of its clients, namely the 1st Count of Margaride, Engineer José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, the lawyer Leopoldo Mourão, and Francisco da Cunha Moraes.

Keywords: Oporto, furniture, decoration, 19th century, Cipriano de Oliveira e Silva, clientele.

Introdução

O estudo do comércio urbano nas cidades portuguesas no século XIX encontra-se, ainda, muito longe de um conhecimento aprofundado. A pouca atratividade que alguns temas oitocentistas habitualmente tiveram junto de certos historiadores e historiadores da arte, contextualizam e justificam, em parte, esta situação. Contudo, estudos casuísticos, entretanto publicados, vão permitindo obter informações dispersas sobre alguns estabelecimentos comerciais, tanto de Lisboa como do Porto.

Um dos elementos fundamentais para o conhecimento das diversas atividades levadas a cabo por uma casa comercial histórica é a presença de um arquivo. Ora, a existência de arquivos comerciais é muito reduzida em Portugal, em virtude de um conjunto de várias circunstâncias, uma das quais se prende com a parca valorização da própria história destes estabelecimentos. Necessidades de remodelação, sobretudo quando o espaço não era demasiado, vitimizaram em primeiro lugar os papéis, nomeadamente os mais antigos e que já não se mostravam necessários ao labor quotidiano. Ora, é nesta explicação crucial que reside uma das justificações para a existência de poucos estudos, e mesmo quando realizados, neles sente-se a ausência de informações importantes provenientes do variado tipo de documentação que faria parte desse espólio.

O presente trabalho sobre a “Oficina e Grande Depósito de Móveis de Cipriano de Oliveira e Silva & C.”, situado na zona de Cedofeita, na cidade do Porto, beneficiou muito de informações provenientes do seu antigo arquivo. Não sabemos atualmente qual era a sua extensão, apenas conhecemos as muitas faturas-recibos de fornecedores que chegaram aos dias de hoje. Mesmo apesar da dispersão do acervo, dispomos de informações relevantes para o conhecimento do estabelecimento comercial, sobretudo nos anos 70 a 90 do séc. XIX. O estudo que aqui se apresenta foi elaborado a partir dessas fontes e de outras de diversa natureza, com elementos consultados em vários arquivos (alguns procedentes da sua clientela) e de certas informações generosamente fornecidos para este efeito¹.

Pretende-se fornecer elementos para o conhecimento histórico desta casa comercial, sobretudo no último quartel do século XIX, de forma que outros investigadores possam, progressivamente, ir fornecendo elementos cada vez mais concretos e aprofundados sobre o seu percurso. A relevância e o volume dos negócios de mobiliário e decoração permitiram-lhe alcançar uma posição cimeira, na área, sendo que o presente estudo procurará ilustrar alguma desta produção e o respetivo enquadramento social e estético.

Notas para uma contextualização do comércio de mobiliário e decoração em Lisboa e no Porto na 2.^a metade do século XIX

O panorama de construção urbana no Norte de Portugal e a remodelação dos interiores de residências nobres e burguesas por todo o País, levaram a um amplo desenvolvimento da fabricação e comércio de mobiliário, facto que se repercutiu na abertura e crescimento de estabelecimentos comerciais dedicados a tais atividades, com especial incidência nas cidades de Lisboa e do Porto.

Na Cidade Invicta do último quartel de Oitocentos, assistimos a uma expansão das áreas urbanas para as zonas ocidental e oriental² da urbe, o que implicava mobilar e decorar as novas habitações. Havia, igualmente, entre os habitantes da cidade, grande abundância de cabedais provenientes do Brasil³, o que gerava mais disponibilidade financeira. Por outro lado, a partir desta localidade eram efetuadas remodelações noutras cidades do Norte, como veremos *infra*, no caso do conde de Margaride, que fora governador civil do distrito do Porto, mas possuía a sua residência no centro de Guimarães.

A partir das fontes impressas, centradas no *Almanak do Porto e seu Districto*, registámos informações sobre casas relacionadas com mobiliário e decoração na cidade, para os anos de 1874⁴, de 1887⁵ e de 1899⁶. Os intervalos de cerca de 12 anos para a obtenção de tais elementos permitem-nos aferir qual era o espectro desta realidade nesses três momentos e que alterações se verificaram entre eles (quadro I).

Assinala-se, como primeira conclusão, a presença de casas e armazéns de móveis em quatro zonas da cidade, apesar de as haver espalhadas por vários outros arruamentos. Para as três datas, surgem como especialmente importantes a zona da Rua da Ferraria, atual Rua de “O Comércio do Porto”, e a da Rua do Bonjardim, esta com o maior número de estabelecimentos em 1874 e 1887. No almanaque de 1899, a Rua Chã recebe já um maior número de referências a armazéns de móveis, sendo que a zona de Cedofeita e seus entornos possui, igualmente, alguns estabelecimentos deste tipo de comércio.

Outra conclusão a extrair a partir das informações da dita fonte diz respeito ao crescimento exponencial do número de marceneiros com armazéns de móveis na cidade, que sendo de 23 em 1874, sobe para 35, em 1887, e para 45 em 1899, o que traduz um grande crescimento de procura por peças de mobiliário neste último quartel de Oitocentos (quadro I).

Designação	1874	1887	1899
Marceneiros com armazéns de móveis	23	35	45
Entalhadores	7	6	10
Estofadores e colcheiros	16*	10+20	11+21
Palhinhas	6	5	2
Torneiros	14	14	16

Nota: * Número em conjunto.

Fonte: Almanques do Porto e seu distrito para os anos de 1874 (pp. 234-236, 244), 1887 (pp. 226-229) e 1899 (pp. 300-301, 323, 326, 354-355, 365, 369).

Quadro 1. Marceneiros com armazéns de mobiliário no Porto (1874-1899)

Analisemos, agora, as profissões conexas, nomeadamente os entalhadores, que sobem de 7 para 10, entre as ditas balizas temporais; o número de estofadores e colchoeiros regista, entre 1874 e 1899, um significativo aumento, neste caso para mais do dobro; a diminuição dos palhinhas autónomos, pois essa função talvez fosse sendo progressivamente integrada em estruturas de maior dimensão; e o aumento dos torneiros num valor pouco expressivo, passando de 14 para 16, número que se manteve entre 1887 e 1899 (quadro I).

Entre diversas casas relacionadas com mobiliário (e, em alguns casos, com decorações), poderíamos aludir, entre outros, às dos irmãos António e Venâncio do Nascimento & Filho, de Albino e António Barbosa da Fonseca, de Miguel Correia de Abreu, de Sebastião Moreira Pacheco, de *A Vilarinha* (ainda existente, na Rua de Cedofeita); ou fábricas, como a de José Moreira da Silva (fábrica de móveis) e a “Marcenaria Económica” (fábrica a vapor). Estes estabelecimentos situavam-se em vários dos arruamentos acima descritos e não só.

A segunda metade do século XIX viu intensificar-se, igualmente, uma atividade relacionada com o mobiliário, ou seja, a decoração de interiores. As novas práticas sociais e o novo *modus vivendi* das classes endinheiradas⁷ requeriam a possibilidade de ter à disposição formas de renovar, de acordo com as modas internacionais mais recentes, a decoração e interiores de casas e palacetes que pululavam por todo o País.

Nos anos de 1860 e 1870, alcançou certa importância a casa de Augusto Bieth⁸, “Ameublement & Tapissérie”, localizada na Rua do Almada, n.ºs 285-287, que mandava vir peças decorativas de França, alcançando uma certa expansão na cidade, no que nos é dado observar pela análise de fontes de vários arquivos particulares. Regista-se, por volta de 1867, uma referência nos jornais da época à falência de Augusto Bieth⁹, cujos contornos haverá, ainda, que investigar.

Em termos de estabelecimentos de decoração, tiveram relevância casas como José Plácido Correia, na Rua Formosa, e Joaquim Teixeira da Silva & C.^a, na Rua de Santo António, que surgiam dedicadas às atividades de decoração e de estofos. Contudo, também vendiam peças de mobiliário, conforme indicam os documentos gráficos que utilizavam como faturas.

Referenciemos, também, alguns estabelecimentos de mobiliário e decoração na cidade de Lisboa, apenas para efeitos de contextualização nacional. Iniciemos com uma breve menção aos anúncios a casas desta especialidade no almanaque dos anúncios da capital portuguesa de 1865, na secção “Mobílias, ornatos decorações de casa e os diversos utensílios e objetos de uso doméstico”¹⁰. Apesar de a maioria dos anúncios corresponder a estabelecimentos de nacionais, registam-se também vários casas exploradas por estrangeiros.

Na capital portuguesa, ganharam foros de especial dimensão as casas de decoração Garde & Gueyte, na Rua Nova do Carmo, Gaspar, referenciada como armador e estofador, na Travessa de São Nicolau, ou a sua sucessora Barbosa & Costa, estofadores-decoradores, no Largo da Abegoaria. Estes últimos vendiam igualmente peças de mobiliário. Tanto a casa Gaspar como a sua sucessora socorreram-se de documentos comerciais de grande interesse iconográfico, por neles utilizarem a reprodução de cenas de interiores domésticos ou de móveis.

Cipriano de Oliveira e Silva (1848-1899), aspetos biográficos

Os dados biográficos mais elementares de Cipriano de Oliveira e Silva eram desconhecidos¹¹. Contudo, elementos documentais existentes no Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo do Porto permitiram-nos chegar ao seu apuramento e à publicação no presente estudo.

Cipriano nasceu na freguesia de Crestuma, V. N. de Gaia, em 10 de setembro de 1848, filho de António dos Santos Silva e de sua mulher, Maria de Oliveira Anjos¹². Morreu na Praça de Carlos Alberto, n.º 56, na freguesia da Vitória, Porto, às 9 horas da manhã do dia 1 de setembro de 1899¹³, sendo enterrado no jazigo 118 da Secção Privativa da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, situada no cemitério de Agramonte, no Porto. O marceneiro e negociante foi irmão dessa Ordem Terceira, tendo aí entrado em 12 de abril de 1875¹⁴. A sua morte foi noticiada no jornal “O Commercio do Porto”, enaltecendo as suas qualidades de empreendedor com grande obra feita, materializada nos armazéns Cipriano¹⁵.

Casou na freguesia de Cedofeita, Porto, em 26 de fevereiro de 1870¹⁶, com D. Maria Carolina de Oliveira e Silva, natural da freguesia da Vitória, onde nasceu em 2 de agosto de 1852, filha de José Bento Torres Cambeiro, negociante (adeleiro) da Rua de Cedofeita, e de sua mulher D. Ana Carolina de Jesus¹⁷. Morreu na freguesia de Miragaia, em 26 de maio de 1921¹⁸.

Registamos, até ao momento desta investigação, os seguintes filhos:

1. Maria Carolina de Oliveira e Silva, nasceu na freguesia de Cedofeita, em 29 de setembro de 1870¹⁹, e morreu na da Vitória, em 10 de janeiro de 1900²⁰, sendo casada com Joaquim João da Silva (que viria a morrer ca. de 29 de janeiro de 1923). Não fez testamento e deixou dois filhos;
2. Cipriano de Oliveira e Silva Júnior, nasceu na freguesia de Cedofeita, em 2 de janeiro de 1875²¹, sendo estudante em 1892;
3. José de Oliveira e Silva, nasceu em Cedofeita, em 29 de maio de 1882²², e morreu na freguesia da Vitória, em 15 de dezembro de 1897²³;
4. João, menor, depositado no referido jazigo do cemitério de Agramonte, em 23 de janeiro de 1886;
5. Carlos Alberto, nasceu na freguesia da Vitória, em 23 de maio de 1892²⁴, aí morrendo em 5 de junho desse ano com 14 dias²⁵; foi depositado no dito jazigo de Agramonte, em 6 de junho de 1892;
6. Gustavo Henrique de Oliveira e Silva, mencionado no testamento de sua mãe, morreu ca. do início de fevereiro de 1930²⁶.

Sua viúva, D. Maria Carolina, deixou testamento, escrito a 19 de abril de 1919, nele traçando alguns pormenores da sua vida, designadamente referentes a seu filho Gustavo Henrique de Oliveira e Silva. Neste instrumento de últimas vontades tornam-se perceptíveis pormenores da decoração da sua casa, na Rua de Cedofeita, com a menção a vários tipos de móveis aí existentes²⁷.

Casa Cipriano: percurso de uma casa de mobiliário e de decoração Criação e evolução de uma casa comercial

Nas primeiras referências de que dispomos sobre Cipriano de Oliveira e Silva, este é designado como marceneiro²⁸, passando mais tarde, provavelmente

com a evolução dos seus empreendimentos, a ser referenciado como negociante, provavelmente já nos finais da década de 1870.

A primeira referência conhecida do estabelecimento de Cipriano de Oliveira e Silva data de 1874, localizando-se na Rua de Cedofeita, n.º 274²⁹. É provável que tivesse trabalhado anteriormente com outro marceneiro ou negociante, vindo a alcançar então a sua autonomia (fig. 1).

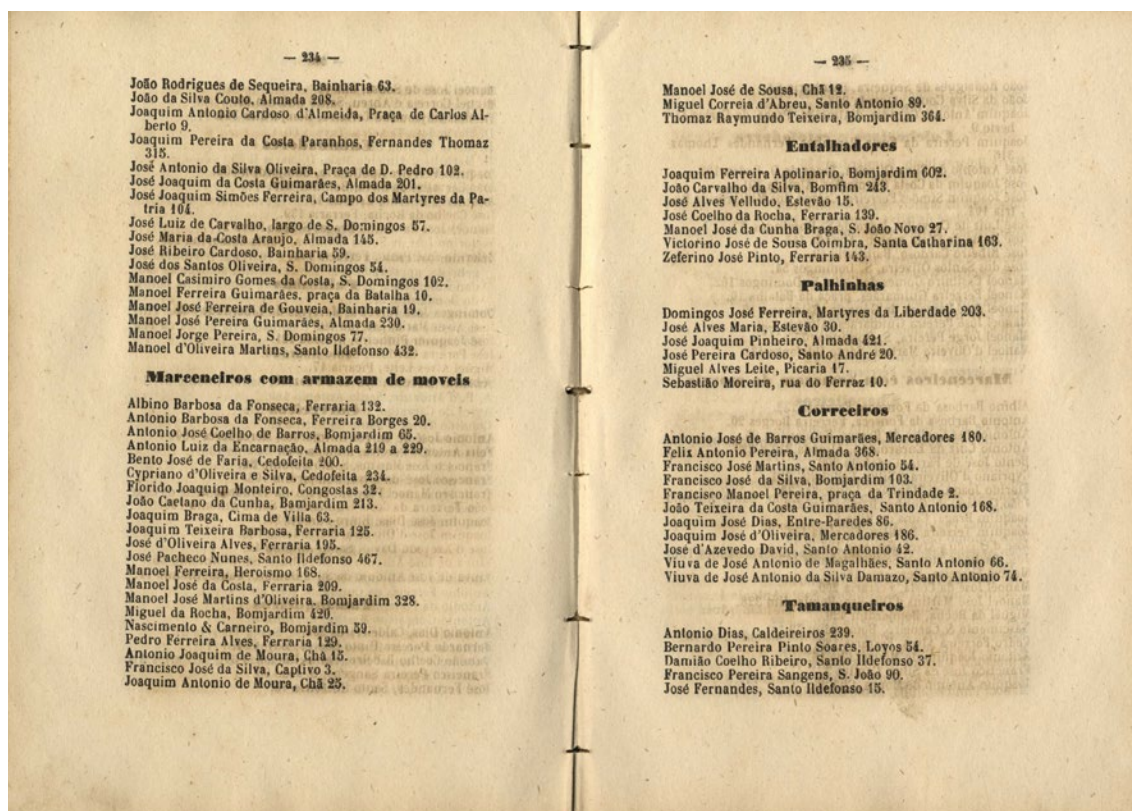


Fig. 1. Página do *Almanak do Porto e seu Distrito para 1874* (p. 234), com a menção de Cipriano de Oliveira e Silva, na Rua de Cedofeita, n.º 274, entre os marceneiros com armazéns de móveis a laborar na cidade do Porto.

A denominação evoluiu, entretanto, de Cipriano de Oliveira e Silva para Cipriano de Oliveira e Silva & C.^a, surgindo pela primeira vez, ao que pudemos aferir, no almanaque do Porto e seu distrito para 1883 (publicado em 1882)³⁰, e assim permaneceu anos após a sua morte. Mais tarde, cremos que pela segunda parte da primeira década de Novecentos, virá a surgir a designação “Cipriano d’Oliveira e Silva & C.^a Sucessores”.

A localização dos estabelecimentos de Cipriano de Oliveira e Silva e das suas firmas foi variando, pois funcionava inicialmente, em 1873, na dita Rua de Cedofeita, n.º 234, sendo que, de cerca de 1874³¹ aos inícios da década de 1880, existe a indicação de situarem na Rua de Cedofeita, n.º 184³². Cerca de 1882, surge no almanaque do Porto e seu distrito, nas novas instalações da Praça Carlos Alberto, n.ºs 39 a 44³³, que ficariam conhecidas para a posteridade pela sua representação, com desenhos vários, nos documentos gráficos utilizados por esta firma. Tratava-se de um edifício com amplas dimensões (fig. 2), possuindo oficinas próprias (fig. 3), voltadas para a Travessa do Carregal (fig. 4).



Fig. 2. Fotografia da fachada do antigo edifício da casa Cipriano d'Oliveira e Silva & C.ª, na Praça de Carlos Alberto, no Porto (posteriormente remodelada a nível do piso térreo). Fotografia Licínio Santos.



Fig. 3. Fotografia do edifício onde se situavam as antigas oficinas da casa Cipriano d'Oliveira & Silva & C.ª, com fachada para a Travessa do Carregal. Fotografia Licínio Santos.



Fig. 4. Fatura-recibo (verso) da Casa Cipriano d'Oliveira e Silva & C.^a, com a reprodução real da fachada do estabelecimento para a Praça Carlos Alberto e a parte lateral (sendo que não são adjacentes), 1888. Coleção particular.

Para o conhecimento da expressão numérica de vários aspetos da atividade desta casa na fase da sua expansão, adquirem particular relevância os dados fornecidos pelo Inquérito Industrial de 1881, que revelavam que:

- Contava com 53 trabalhadores, entre eles 33 carpinteiros, 4 entalhadores, 10 polidores, 2 torneiros, 4 empalhadores e 8 aprendizes;
- Os salários dos trabalhadores variavam entre 500 e 800 réis;
- Os aprendizes não tinham salário e recebiam apenas alimentação; duração de 3 ou 4 anos de aprendizagem;
- O fabricante dispunha de uma oficina para estofar, em anexos, e no seu armazém vendia, para além dos produtos da oficina, móveis e adornos de casa estrangeiros;
- A produção da fábrica variava entre 40:000\$000 e 50:000\$000 réis;
- O consumo de madeira nacional (nogueira e castanho) oscilava entre 2:000\$000 e 4:000\$000 réis ao ano, e o de madeira estrangeira entre 20:000\$000 e 26:000\$000 réis³⁴.

Já depois da morte de Cipriano de Oliveira e Silva, deflagrou, em 3 de julho de 1901, um incêndio que muito afetou as oficinas e provavelmente fará com que os herdeiros vendam a sociedade a Bernardino d'Almeida e Silva, Lda., em data que novas investigações deverão apurar. Deste incêndio é dada notícia

no Relatório de Atividades da Ordem de Nossa Senhora do Carmo do Porto para o ano de 1901/1902, em que se indica:

Logo no começo do ano [económico] um lamentável acontecimento se deu n'esta nossa Ordem, que pôs em sobressalto os seus administradores e muitos dos seus irmãos; refiro-me ao incendio das escolas d'esta Ordem e dos armazéns onde se acham instaladas as oficinas da Casa Cipriano d'Oliveira e Silva & C.^a, Sucessores, que teve lugar no dia 3 de julho de 1901. Este lamentável desastre, que tomou enormes proporções, destruiu por completo as citadas oficinas e grande parte das escolas, pela fachada sul, e muito maiores seriam os prejuízos se não fosse a presteza dos socorros ³⁵.

Distinções

Se esta casa foi fundada, como se disse *supra*, em 1874, logo anos depois começaram a surgir as distinções pelos seus trabalhos, informação que logo passavam a constar nas diversas faturas e outros documentos gráficos e carimbos utilizados por esta casa comercial. Assim, temos conhecimento de que recebeu um diploma de Honra na Exposição Universal de Paris de 1878, outro diploma de Honra na Exposição Industrial do Palácio de Cristal, Porto, bem como um terceiro diploma na Exposição de Lisboa, em 1888.

Em 1 de agosto de 1877, buscando o reconhecimento e a distinção que o título de “Fornecedor da Casa Real” concedia a um estabelecimento comercial ou industrial, ao tempo dos últimos reinados da Monarquia, Cipriano de Oliveira e Silva & C.^a, através do seu procurador em Lisboa, Jacinto d'Aguiar, solicitou à Casa Real:

Senhor

Cipriano de Oliveira e Silva & Companhia, proprietário de um dos melhores estabelecimentos de mobílias, denominado Grande Deposito de Mobílias, na rua de Cedofeita N.º 200 na Cidade do Porto, desejando alcançar de Vossa Majestade a especial graça do título de Fornecedor da Real Casa; vêm [sic] respeitosamente

Pedir a Vossa Majestade a graça de assim lhe deferir (...) ³⁶.

É assim que, em 11 de dezembro desse ano de 1877³⁷, a Casa Real lhe atribuiu o título de seu Fornecedor, vindo Cipriano de Oliveira & Silva e C.^a a poder usar as armas régias na sua fachada, nos documentos comerciais impressos e até em carimbos observáveis em papéis da casa.

Peças de Mobiliário e Decoração

O mobiliário do século XIX e dos inícios do século XX encontra-se, ainda, particularmente carente de investigação em Portugal. Foram realizados já alguns estudos parcelares³⁸, mas o conhecimento da generalidade da produção e suas filiações, dos marceneiros e comerciantes, bem como da clientela, para além da relação com as questões de decoração dos espaços encontra-se, ainda, numa fase embrionária.

Através das informações divulgadas pelos documentos impressos da Casa Cipriano, bem como pelo que podemos extrair das múltiplas faturas-recibos existentes no seu antigo arquivo, a produção deste estabelecimento enquadrava-se no âmbito das várias tipologias de mobiliário em voga na época.

Imperava a venda das denominadas *mobílias completas*, algo que se começou a generalizar na segunda metade de Oitocentos, com o fornecimento da totalidade das tipologias destinadas a determinada divisão. A casa Cipriano anunciava a venda de móveis para salas de jantar, para salas de visita, quartos de dormir e de vestir, mencionando as diversas madeiras em que os executava (pau santo, mogno, vinhático, nogueira nacional e nogueira americana, freixo, tuia, entre outras). Acrescentavam, ainda, a realização de *mobílias de Viena d'Áustria*, em todas as cores, para além de móveis avulsos, de que dispunham em *grande sortimento* (Imagem 5, coluna da esquerda).

Para efeitos de decoração, o dito documento divulga uma diversidade de soluções e materiais a que a casa poderia dar resposta, com especial incidência nos papéis pintados e no estofado ou cobertura de peças de mobiliário. Vendiam galerias e realizavam cortinas numa variedade de tecidos, que enunciavam, para além de executarem as denominadas cortinas brancas, com várias soluções materiais e decorativas. Havia, também, molduras de caixilho e espelhos com moldura dourada, prateada ou preta (fig. 5, coluna da direita).

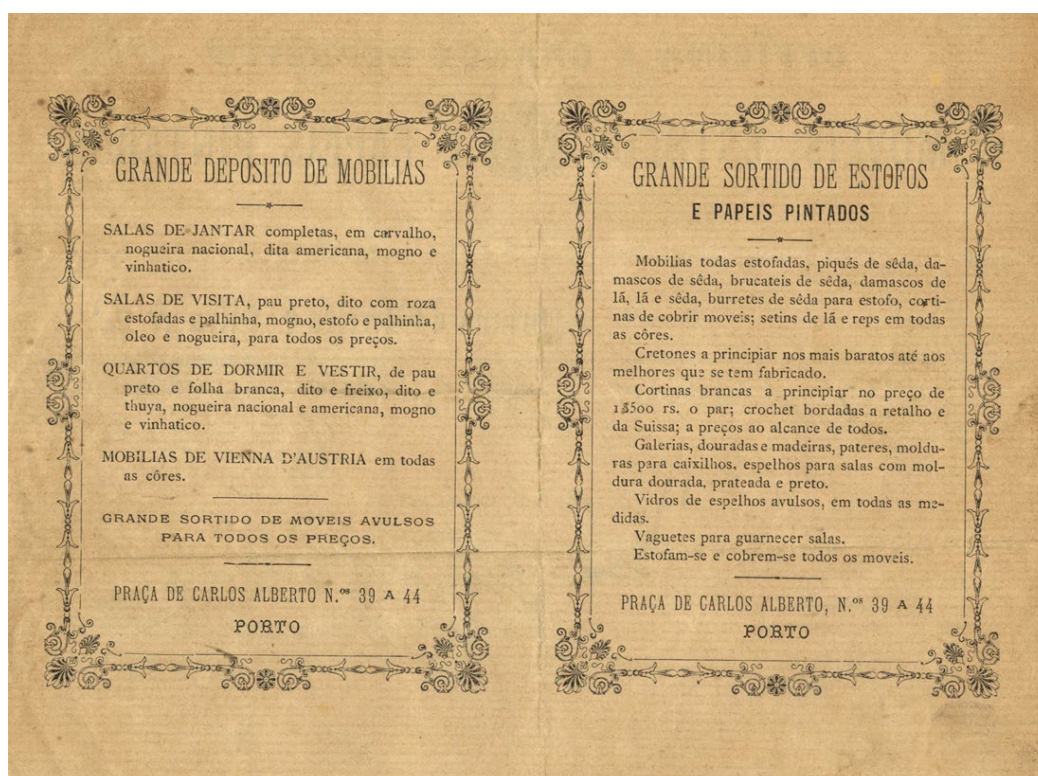


Fig. 5. Verso de impresso comercial (1888) da Casa Cipriano d'Oliveira & Silva & C.^a, na Praça de Carlos Alberto, n.ºs 39 a 44, onde se elencam peças de mobiliário e de decoração vendidos e outros agilizados por este estabelecimento.

Importa compará-las com a opção tida quase dez anos depois por uma casa similar, *A Vilarinha*, de José Augusto da Silva Lima, situada nas

proximidades, mais precisamente na rua de Cedofeita, n.ºs 200-216 e que ainda hoje existe. Nos seus impressos, socorre-se de um modelo com semelhanças aos da casa Cipriano, mas com algumas diferenças. Nesta casa, para além das mobílias completas e dos estofos, vendiam madeiras, material para bilhar, tapetes *Bruxelas*, alcatifas e materiais de cobertura, louças para lavatório e *toilette*, bem como armações de madeira para lojas (fig. 6).

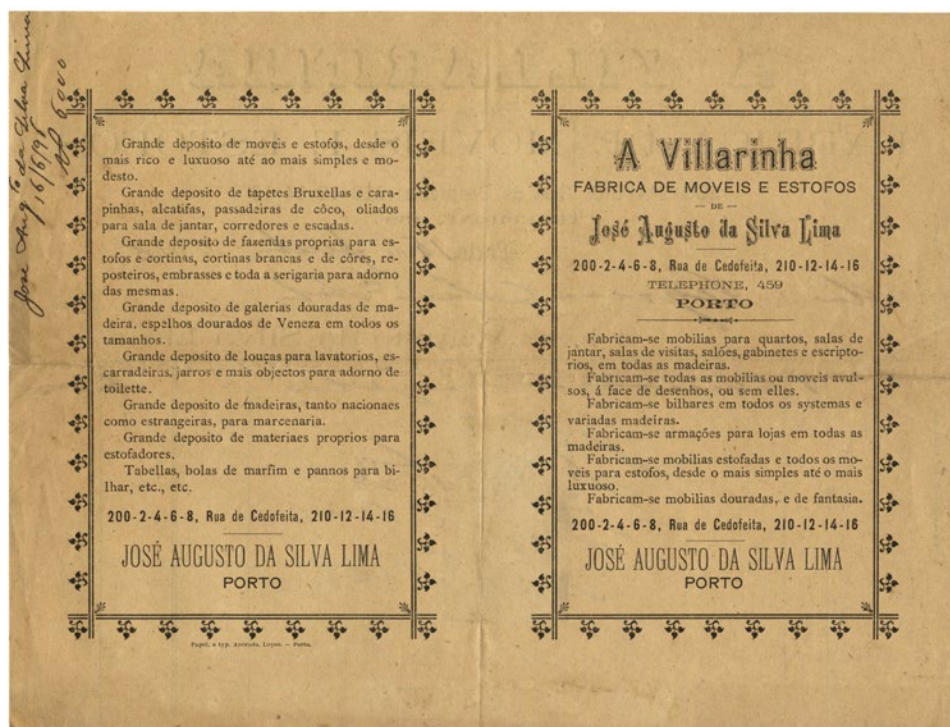


Fig. 6. Verso da fatura-recibo da Casa A Vilarinha, fábrica de móveis e estofos, na rua de Cedofeita, n.ºs 200 a 208, com elenco das atividades desenvolvidas (1896). Coleção particular.

Na casa Cipriano, tanto essa vertente de produção de móveis como as soluções decorativas que sugestionavam foram inspiradas pelo acesso a gravuras, provenientes sobretudo de França, existindo, porém, outras de proveniência germânica. Tal surge demonstrado num dos álbuns provenientes do seu espólio e que se encontra atualmente numa coleção particular³⁹.

Este vasto conjunto de gravuras de origens e matrizes distintas foram encadernadas por este estabelecimento, possuindo cada uma delas o carimbo a vermelho da casa Cipriano. A perscrutação do grosso álbum permite observar inúmeras sugestões para aparatosas cortinas exteriores e para as cortinas brancas, exemplos de mobílias completas e de outros móveis soltos, de conjuntos de mobiliário de assento ricamente estofado, apresentando várias soluções combinando tecidos e passamanaria. Em certas gravuras, há indicações para a execução da cortina ou, então, da estrutura da peça.

Esta casa socorria-se, igualmente, da fotografia de móveis, conforme nos informa uma fatura-recibo da Fotografia União, na Praça dos Voluntários da Rainha – atual Praça Gomes Teixeira –, relativa a 36 fotos pagas pela casa Cipriano, no valor de 11\$500 réis⁴⁰.

Fornecedores

A caracterização dos elementos documentais respeitantes aos fornecedores da casa Cipriano permitiria, *de per si*, alimentar um único artigo, pela enorme variedade existente e pela relevância que as informações que contêm trazem para o conhecimento da vida da cidade do Porto. Na impossibilidade de abordar toda a complexidade e abrangência do tema, daremos uma ideia geral desta realidade e apresentaremos exemplos para tornar compreensível algumas das relações comerciais existentes.

Os elementos apresentados *supra* relativos ao Inquérito Industrial de 1881 sugerem a enorme expansão dos negócios de Cipriano de Oliveira e Silva & C.^a. Para tal teve de socorrer-se de um alargado conjunto de casas comerciais, de fábricas e artífices, essencialmente da cidade do Porto, se bem que se encontrem informações sobre fornecedores estrangeiros, nomeadamente de origem francesa e inglesa. Tal permitir-lhe-ia cumprir as exigências da sua clientela e suprir as lacunas das suas próprias oficinas, apesar do significativo número dos que nela trabalhavam. Os elementos documentais espraiam-se pelas décadas de 70, 80 e 90 do século XIX, período de atividade de Cipriano de Oliveira e Silva, que, recorde-se, morreu em 1899.

Uma das mais significativas dimensões destes gastos refere-se à aquisição de peças de mobiliário junto de colegas marceneiros, nomeadamente de Joaquim dos Santos Macedo & C.^a, na rua Chã (1877), de Miguel Ribeiro & Duarte, na Praça da Batalha (1877), da viúva Silva & C.^a, na Rua Chã (1884); mas, também, com a fábrica de móveis de ferro de Manuel Lopes da Silva, com sede na Rua de Santa Catarina (1884), com a marcenaria a vapor de Pinto Couto & C.^a (1889), entre vários outros. Trabalha com carpinteiros, designadamente Manuel de Sousa Carneiro, na Travessa de Cedofeita (1878, 1884), e com torneiros, como José Alves Guimarães, na Rua do Corpo da Guarda (1887).

Há, naturalmente, aquisições de madeira, dada a sua necessidade para a execução de móveis. Por curiosidade, refira-se o nome de Manuel Martins dos Santos Júnior, que comprava e vendia móveis usados, bem como madeiras de demolições, etc., a quem Cipriano adquire bandeiras, caixilhos e uma porta (1879). Para a obtenção de caixilhos, galerias e espelhos relacionou-se com Santos & Irmão (1877) – casa ainda hoje existente –, situada na Travessa de Liceiras (fig. 7). No que diz respeito a louças e vidros, abastecia-se, por exemplo, no Bazar Central – encerrado há poucas décadas –, localizado na rua dos Clérigos.

Com o objetivo de operacionalizar as suas oficinas socorre-se de casas de ferragens, de fundições, como a do Bolhão e a Companhia Aurifícia, com fábricas de tecidos, como a de David José da Silva & Filho, na Rua de Cedofeita (1879)⁴¹, mas, também, de serralheiros, como José António Martins, na Rua de Ferraria de Baixo (1890), e de oficinas de marmoristas, como a de António Coelho de Sá, na Rua do Cativo (1877, 1882), ou a de João Gomes de Barros, na Rua do Almada (1874).

Trabalha com douradores, como Francisco Teixeira de Moraes, na Rua de Cedofeita (1890), com sirgueiros, mas também, para cumprir as atividades de decoração a que igualmente se dedicava, com quem forrassse divisões a papel, como José da Silva Carvalho (1896), que para ele trabalhou na casa do diretor

da Companhia das Águas e na casa de um Sr. Pinto da Fonseca, na Foz do Douro, então ainda arrabaldes do Porto.

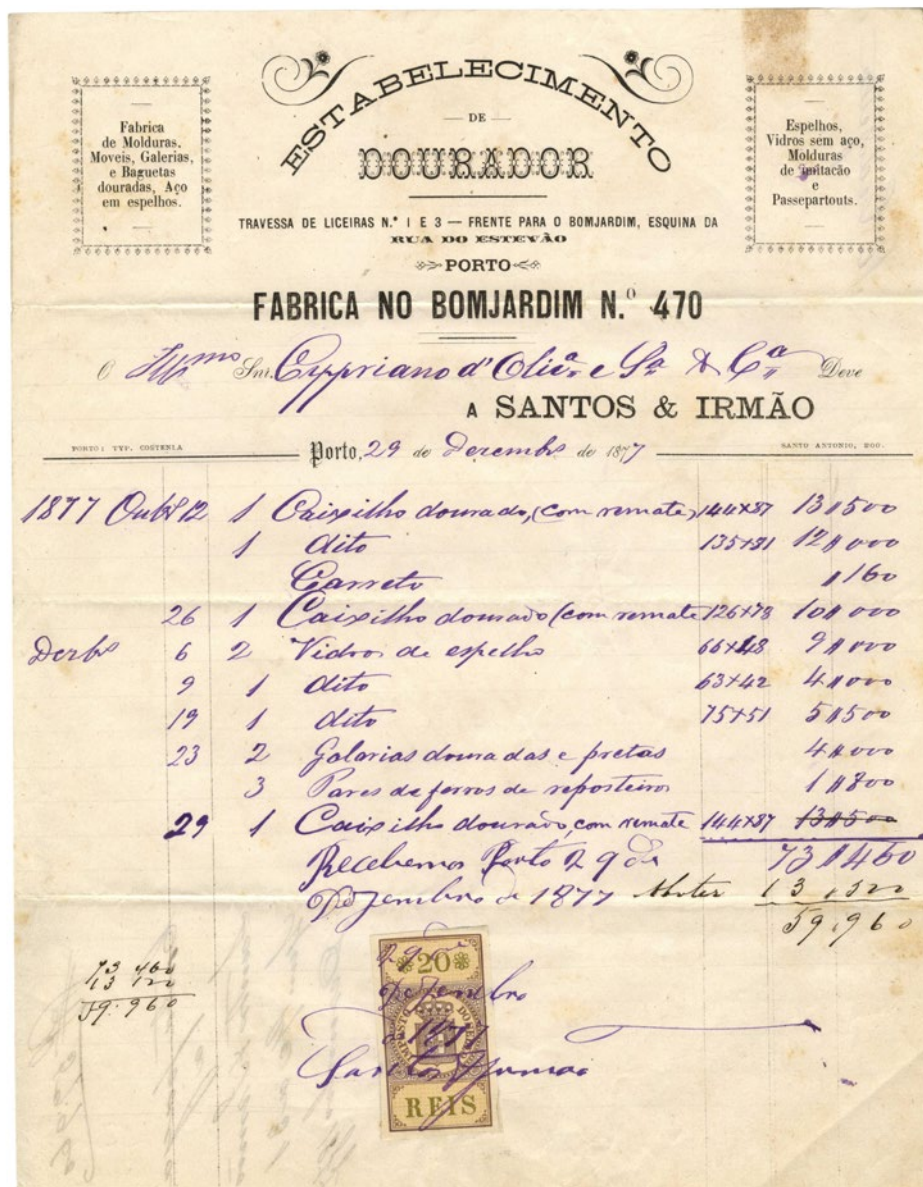


Fig. 7. Fac-símile de fatura-recibo do estabelecimento de dourador Santos & Irmão, ainda hoje existente, referente ao fornecimento de caixilhos, vidros e galerias a Cipriano de Oliveira e Silva & C.ª, 1877. Coleção particular.

Notas sobre a clientela da Casa Cipriano

À falta de livros de registos que possam ser localizados até ao momento, relativos às peças vendidas por esta casa e aos seus destinatários, circunscrevemo-nos às faturas-recibos de que dispomos. Para este caso, privilegiámos as de natureza pessoal e familiar, ao invés das institucionais⁴². Vamos, pois, proceder ao estudo de quatro clientes e às peças que a Casa Cipriano lhes vendeu: o 1.º conde de Margaride (1887), o Eng. José Joaquim Guimarães Pestana da Silva (1888), o Dr. Leopoldo Mourão (1890) e Francisco de Campos Moraes (1893 e 1906).

O fornecimento de peças de mobiliário e decoração de que dispomos de mais informação dizem respeito às adquiridas pelo 1.º conde de Margaride, Luís Cardoso Martins da Costa de Macedo (1836-1919)⁴³, e à sua casa do largo do Carmo em Guimarães, em virtude de terem chegado aos dias de hoje diversas peças por si adquiridas. O seu recheio foi partilhado há cerca de 15/20 anos, existindo, ainda, várias delas na posse da descendência.

A fatura da casa Cipriano, datada de 24 de outubro de 1887, diz respeito à compra de uma grande quantidade de peças de mobiliário e de decoração, designadamente para o Salão de Visitas, o *Quarto da Rainha* e a Sala de Jantar⁴⁴. Para este artigo analisaremos o denominado *Quarto da Rainha* [D. Maria Pia de Saboia, mulher de D. Luís I], ao gosto revivalista Henrique II (fig. 8), como vem designado no documento de venda⁴⁵, e que se encontra praticamente intacto. A prática aquisitiva da denominada *mobília completa*, faz com que saibamos o que adornava uma determinada divisão. Faziam parte desse conjunto inicial fornecido pela casa Cipriano um conjunto de dez itens, sendo a madeira polida a cera. Formavam-no uma cama de casados, duas mesas de cabeceira, um guarda-vestidos, seis cadeiras (com suas capas), um toalheiro, uma mesa de centro, um lavatório, um *bidet* e uma *toilette* em tabuleiros.

Este conjunto encontra-se quase integralmente na Casa da Portela de Sampriz, dando nome a uma das divisões, que recebeu a designação de *Quarto da Rainha* (fig. 9). Nele encontramos, entre outros, a cama de casados com uma estrutura dourada do dossel⁴⁶, duas mesas de cabeceira, uma mesa de centro, cadeiras, um móvel de *toilette* e o toalheiro, este na casa de banho que dá apoio ao quarto.

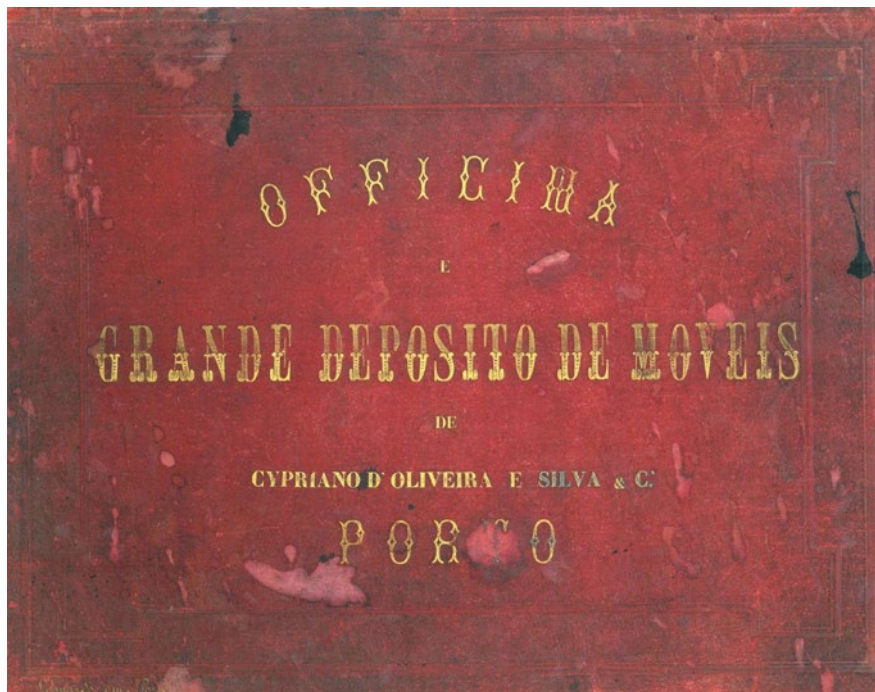


Fig. 8. Documento que refere o Quarto da Rainha, ao gosto Henrique II, na parte superior do fôlio da direita (1887). Arquivo Histórico Municipal de Guimarães,

Arquivo do Conde de Margaride Casa do Carmo, cota:

<https://archeevo.amap.pt/viewer/descriptions/425004/544344>



Fig. 9. Fotografia do *Quarto da Rainha*, onde se observa a cama, duas mesas de cabeceira e o dossel. Casa da Portela de Sampriz. Fotografia de Alberto Tavares Barreto.

Avancemos para o segundo caso, a decoração do palacete dos Pestana, no Campo 24 de Agosto, que motivou progressivas intervenções do Eng. José Joaquim Guimarães Pestana da Silva⁴⁷, nas décadas de 1870 e 1880. Numa primeira fase foi responsável pelo fornecimento da sua decoração o já mencionado *supra* M. Bieth, localizado na vizinha rua do Almada, n.ºs 285-287, sendo que, numa segunda fase mais avançada, será já a Casa Cipriano a responsável pelo provimento de materiais para outros cômodos da dita residência. A este estabelecimento encarregou, em agosto de 1888, a remodelação de várias outras divisões, com a venda de peças de mobiliário e elementos decorativos. Nesse sentido, foram adquiridos vários móveis, para além de peças decorativas e utilitárias, sendo fornecido mobiliário e decoração para o quarto do capelão, que seria em nogueira americana brilhante e mate, bem como para o escritório, com móveis de vinhático ao estilo neogótico, como se menciona na detalhada fatura-recibo⁴⁸.

Um outro caso em análise, datado de 1893, refere-se a dois momentos aquisitivos de Francisco de Campos Moraes neste estabelecimento. Um primeiro, entre 20 de abril e 31 de maio (momento da liquidação), compreende a aquisição de diversas peças e ornatos, designadamente mobiliário de carvalho para sala de jantar e diversas outras tipologias para quarto, no valor de 371\$620 réis. O segundo, entre 30 de maio de 1893 e 27 de abril de 1894 (pagamento realizado), elenca um grande conjunto de peças destinadas, sobretudo, a sala de jantar, sala de visitas, quarto de dormir, quarto dos *meninos* e da *menina*, escritório, bem como também para outros aposentos, num total de 1:769\$205 réis, um valor importante para a época⁴⁹.

Um quarto e último caso respeita ao importante advogado portuense Dr. Leopoldo Mourão e às aquisições efetuadas nos anos de 1894 e 1897. Em relação à primeira fatura-recibo, no valor de 102\$000 rs., trata-se de diversas obras e materiais de decoração, destacando-se o fornecimento de 3 pares de cortinas, em 19 de março de 1894 (fig. 10). Já em 1897 (31 de dezembro), a despesa recaiu em tapetes aveludados e no trabalho de 1 tapeceiro e de 4 costureiras para a respetiva colocação, orçando tudo em 65\$990 réis⁵⁰.

OFFICINA E GRANDE DEPOSITO DE MOVEIS
DE
CYPRIANO D' OLIVEIRA E SILVA & C.^ª
PREMIADOS COM VARIAS MEDALHAS NA EXPOSIÇÃO DE PARIS 1878
FURNITURE SUPPLIERS OF THE ROYAL HOUSE
OFFICINAS

PAPEIS PINTADOS
PARA FORRAR SALAS
TAPETES
CANDIEIROS

ADORNA SE
UMA CASA COMPLETA
CONFORME O DESEJO
DO FREQUEZ

39 · 40 · 41 · PRAÇA DE CARLOS ALBERTO · 42 · 43 · 44 ·
PORTO, 18 de Junho de 1894
O Ex.^{mo} Sr. Dr. Leopoldo Mourão Dove

Março	28	7,50 Cordão de seda p. ^o 2 caixilhos 550	3905	
"	"	2 Bostas p. ^o 21 mesmos 800	3200	
"	"	1 Estrado de Flandres p. ^o 1 legua	300	
"	"	0,40 Veludo de seda p. ^o e m. ^o 3500	1500	
"	"	0,20 Seda para cortas 1000	300	
"	"	Tempo ao Mex. ^{mo} a collocar caixilhos	800	10025
Maio	4	Concerto em a guarda fogo	800	
"	"	1 Vidro para o mesmo	490	1290
"	19	3 Pares de cortinas a 18000	54000	
"	"	2,70 Cordão para 1 caixilho 160	420	54420
"	27	4,50 Damasco de Lyon p. ^o 2 ca. ^o 3500	12600	
"	"	0,50 Regiço a 120	780	
"	"	1 Pasta d'algodão	160	
"	"	70 Botões de seda 10	720	
"	"	Feitos das mesmas	2000	
"	"	13,40 Letineto p. ^o ferro de 2 p. ^o cort. ^o 500	6700	
		Transporte	22960	65990

Fig. 10. Fatura-recibo passado ao Dr. Leopoldo Mourão (1890), de objetos comprados na Casa Cipriano de Oliveira e Silva & C.^a. Coleção particular.

Notas finais

Cipriano de Oliveira e Silva (1848-1899) revelou-se uma personagem de um grande empreendedorismo no comércio da cidade do Porto, no último quartel de Oitocentos, erguendo uma importante oficina e depósito de móveis que, em poucos anos, se transformou no maior estabelecimento deste ramo na cidade.

A sua oficina e grande depósito de mobiliário, a que acrescentou uma vertente de decoração, representou um ponto de referência neste domínio no

Porto. O edifício da Praça de Carlos Alberto, n.^{os} 39-44, com as oficinas anexas, granjeou-lhe fama e prestígio, atraindo uma grande clientela, entre os quais alguns nomes grados da Cidade Invicta e do Norte de Portugal.

A riqueza dos documentos procedentes do seu arquivo permite perceber a variedade de estabelecimentos comerciais com que se relacionava e que forneciam matérias-primas e objetos para vender no seu estabelecimento. Funcionavam, frequentemente, como uma espécie de subcontratação, tal era a quantidade de peças adquiridas pelos clientes, como o demonstram alguns dos róis enunciados nas faturas-recibo sobreviventes.

Temos consciência de que haverá ainda muitos elementos que investigações posteriores poderão trazer para o conhecimento integral desta casa. Isto, sobretudo, se um dia for disponibilizado outro material histórico e iconográfico, disperso décadas atrás, respeitante a este estabelecimento, que alcançou uma grande relevância no mobiliário e decoração da cidade do Porto, no último quartel do século XIX. Espera-se, igualmente, obter mais elementos sobre as peças aí realizadas (até porque algumas possuíam chapas de origem⁵¹) e sobre a sua clientela, bem como relativamente à continuação da sua atividade século XX adentro, seja ainda com a família de Cipriano, seja através do seu sucessor, Bernardino d'Almeida e Silva, Lda.

NOTAS

¹ O Autor agradece a colaboração das Doutoradas Adelina Valente e Alexandra Vidal, do Prof. Doutor Aníbal Barreira, dos Drs. Ana Paula Morais, António Pestana de Vasconcelos e Licínio Santos, bem como de Carlos Gonçalves.

² Jorge Ricardo Pinto, *O Porto Oriental no final do século XIX: um retrato urbano* (Porto: Edições Afrontamento, 2007).

³ Jorge Alves, *Os brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista* (Porto: Ed. do Autor, 1994).

⁴ Mattos Carvalho e Vieira Paiva, *Almanak do Porto e seu districto para 1874* (Porto: Imprensa Popular de Mattos Carvalho & Vieira Paiva, 1873), 234-236 e 244.

⁵ A. G. Vieira Paiva, *Almanak do Porto e seu districto para 1887* (Porto: A. G. Vieira Paiva-Editor, 1887), 226-229.

⁶ J. J. Vieira da Silva, *Almanak do Porto e seu districto para 1899* (Porto: Livraria e Tipografia Arquivo Jurídico, 1898), 300-301, 323, 326, 354-355, 365 e 369.

⁷ Interessante a descrição dos novos interiores, nos finais do século XIX, efetuada por Maria Amália Vaz de Carvalho, *A arte de viver na sociedade* (Lisboa: Livraria de António Maria Pereira – Editor, 1895), 145-161.

⁸ Era genro de Caetano Marras, que assina uma fatura em seu nome. Coleção particular. Tencionamos voltar a abordar esta casa em trabalho autónomo, de forma a poder explicar a relevância que, pensamos, terá tido na decoração dos interiores portuenses da 2.^a metade do séc. XIX.

⁹ *Jornal do Porto*, 18 de maio, 1867, 9.^o ano, n.^o 113, p. 4, col. 2.

¹⁰ *Almanak industrial, commercial e profissional de Lisboa para o ano de 1865* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1865), 75 e ss.

¹¹ Tal foi indicado em Gonçalo de Vasconcelos e Sousa e Adelina Valente, *La producción y el comercio de muebles en Porto en el siglo XIX y principios del XX* (no prelo, para publicação).

¹² Arquivo Distrital do Porto (ADP), *Registos Paroquiais*, Freguesia de Crestuma (Vila Nova de Gaia), L.º de batismos de 1846 a 1865, fl. 14. Neto paterno de Manuel dos Santos Silva e de Josefa Francisca Pereira da Silva, neto materno de Manuel de Oliveira Anjo e de Maria Guedes de Sousa, todos da freguesia de Crestuma, Vila Nova de Gaia. Os pais de Cipriano haviam casado na dita freguesia de Crestuma em 24 de fevereiro de 1840. ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Crestuma (Vila Nova de Gaia), L.º mistos de 1817 a 1846, fl. 159. A mãe viria a morrer na freguesia da Vitória, Porto, em casa do filho, em 4 de janeiro de 1891. ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Nossa Senhora da Vitória (Porto), Óbitos de 1899, fl. 2, assento n.º 5.

¹³ Recebeu o sacramento da Extrema-Unção. ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Nossa Senhora da Vitória (Porto), Óbitos de 1899, fl. 38, registo n.º 150. Indica-se que deixava seis filhos.

¹⁴ Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo do Porto, *Entrada de Irmãos*, L.º 6 (1863-1883), fl. 100.

¹⁵ “O Commercio do Porto”, 02.09.1899, 2 e 4. “Morreu hontem Cypriano de Oliveira e Silva, o ousado fundador dos grandes armazens de moveis da praça de Carlos Alberto./ Homens com a iniciativa, com a actividade de Cypriano de Oliveira e Silva fazem falta numa cidade que se préza. A obra que eles levantam com o seu esforço individual é também uma honra para cidade em que fica implantada. E os armazens Cypriano, grandiosos como nenhum outro no paiz e talvez na Peninsula, são o mesmo tempo e afirmação da iniciativa de um homem trabalhador e uma criação digna de se mostrar a toda a gente./ Cypriano de Oliveira e Silva foi buscar os seus pergaminhos ao banco de trabalho. Da humildade de operario subira, pela sua tenacidade heroica, até á posição de industrial e comerciante importante e considerado” (p. 2).

¹⁶ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Cedofeita (Porto), L.º de casamentos de 1870, fl. 17-17v., assento n.º 17. Nessa ocasião o noivo usava o nome de Cipriano de Oliveira Anjo e a noiva o de Maria Carolina Cambeiro.

¹⁷ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Cedofeita (Porto), L.º 9 de batismos, fl. 172v.

¹⁸ AHMP, *Registo Geral de Testamentos*, cota: PT-CMP-AM/PUB/ABOC/7/RT06843, fl. 59.

¹⁹ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Cedofeita (Porto), L.º de batismos de 1870, fl. 166v., n.º 331.

²⁰ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia da Vitória, L.º de óbitos de 1900, fl. 1v., n.º 4.

²¹ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Cedofeita (Porto), L.º de batismos de 1875, fl. 49, n.º 95.

²² ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Cedofeita (Porto), L.º de batismos de 1882, fl. 237, n.º 471.

²³ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia da Vitória, L.º de óbitos de 1897, fl. 55, n.º 214.

²⁴ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia da Vitória (Porto), L.º de batismos de 1892, fl. 64v., n.º 127.

²⁵ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia da Vitória (Porto), L.º de óbitos de 1892, fl. 26, n.º 98.

²⁶ Estas datas já da primeira metade do século XX foram aferidas a partir dos registos do jazigo desta família no Cemitério da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que se encontram no Arquivo desta Ordem Terceira.

²⁷ AHMP, *Registo Geral de Testamentos*, cota: PT-CMP-AM/PUB/ABOC/7/RT06843, fl. 59-63v.

²⁸ ADP, *Registos Paroquiais*, Freguesia de Cedofeita (Porto), Casamentos de 1870, fl. 17.

²⁹ Mattos Carvalho e Vieira Paiva, *Almanak do Porto e seu districto para 1874* (Porto: Imprensa Popular de Mattos Carvalho & Vieira Paiva, 1873), 234.

³⁰ José António Castanheira, *Almanak do Porto para 1883* (Porto: Livraria Archivo Juridico de A. G. Vieira Paiva, 1882), 313.

³¹ Mattos Carvalho e Vieira Paiva, *Almanak do Porto e seu districto para 1875* (Porto: Imprensa Popular de Mattos Carvalho & Vieira Paiva, 1874), 159.

³² A. Vieira Paiva, *Almanak do Porto e seu districto para 1880* (Porto: Imprensa Popular de A. G. Vieira Paiva, 1879), 220.

³³ José António Castanheira, *Almanak do Porto para 1883* (Porto: Livraria Archivo Juridico de A. G. Vieira Paiva, 1882), 313.

³⁴ Dele demos já notícias no estudo Gonçalo de Vasconcelos e Sousa e Adelina Valente, *La producción y el comercio de muebles en Porto en el siglo XIX y principios del XX* (no prelo, para publicação).

³⁵ *Relatório da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo da cidade do Porto para o anno económico de 1901 para 1902* (Porto: Tipografia de A. F. Vasconcelos, Sucessores, 1902), 7-8. Atualizámos a grafia.

³⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Mordomia-mor da Casa Real*, Mç. 22, n.ºs 16158-16162 (este processo contém, por exemplo, uma fatura da empresa e uma notícia sobre a loja publicada em *O Commercio do Porto*, de 29.4.1877. Transcrição de Lourenço Correia de Matos da petição (n.º 16158). Atualizámos a grafia,

³⁷ Lourenço Correia de Matos, *Os fornecedores da Casa Real (1821-1910)* (Lisboa: Dislivro Histórica, 2009), 179. Nesta obra há a publicação de dois documentos comerciais desta casa (p. 185, figs. 154-155).

³⁸ Poder-se-iam mencionar os estudos, tanto mais circunscritos como mais alargados, de autores como Pedro Bebiano Braga, Celina Bastos, para Lisboa, Adelina Valente, para o Porto, ou Joana Feyo de Azevedo com o mestrado sobre mobiliário de assento.

³⁹ Este álbum e, possivelmente, outros documentos, foram vendidos pela casa leiloeira Côte Real, da cidade do Porto. Informação da Dr.ª Ana Paula Morais.

⁴⁰ Fatura-recibo de fevereiro/maio de 1878. Coleção particular.

⁴¹ Chamamos a atenção para que estas informações são apenas uma diminuta parte das casas comerciais, fábricas e artífices de que existe documentação testemunhando que trabalharam para a casa Cipriano de Oliveira e Silva.

⁴² Sabemos que a casa trabalhou, por exemplo, para a Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, como o testemunham faturas-recibo existentes no seu arquivo, datadas de 1883 e 1888. Arquivo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto (AVOTSFP), *Papéis do Síndico*, Mç. 1742, doc. 129; AVOTSFP, *Papéis do Síndico*, Mç. 1750, doc. s/n.º

⁴³ Sobre o 1.º conde de Margaride, vd. Afonso Manuel Martins Zúquete, coord., *Nobreza de Portugal e do Brasil*. 2.ª ed. (Lisboa: Representações Zairol, 1984), 2, 720; Luís Pulido Garcia Cardoso de Menezes, *Os condes de Margaride e a sua descendência* (Lisboa: Instituto Dom João VI, 2007).

⁴⁴ Possivelmente teriam sido peças que haviam já decorado a Casa do Carmo na visita que, em 20 de outubro desse ano, os reis D. Luís I e D. Maria Pia aí haviam efetuado, tendo a fatura sido elaborada dias depois.

⁴⁵ Arquivo Municipal de Guimarães, Arquivo do Conde de Margaride Casa do Carmo, Recibo lançada pela oficina e grande depósito de móveis “Cypriano D’Oliveira e Silva C.ª”, cota: PT/AMAP/FAM/CMCC/03-02-02/008/11-24-16-7-11. Disponível em <https://archeevo.amap.pt/viewer/descriptions/425004/544344>

⁴⁶ Apenas o tecido original desta estrutura foi substituído pelos atuais proprietários, atendendo a que se encontrava em deficiente estado de conservação.

⁴⁷ Sobre o Eng. José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, vd. António Luiz de Torres Cordovil Pestana de Vasconcelos & Manuel Alfredo Cortez Machado da Silva Lopes, *Leite de Magalhães e Vasconcellos do Marco de Canavezes: História e Genealogia* (Porto: [s. ed.], 2023), 114.

⁴⁸ A documentação sobre estas duas fases de remodelação do palacete pertence a duas coleções particulares.

⁴⁹ Documentos em coleção particular.

⁵⁰ Documento em coleção particular.

⁵¹ Sobre as etiquetas usadas em mobiliário, vd., para o caso mexicano, o trabalho de Martha Eugenia Alfaro Cuevas, “La relevancia de la existencia de los sinsignos en el mobiliario industrial,” *Boletín de Monumentos Históricos*, 48 (2023), 6-25. Disponível em <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/boletinmonumentos/article/view/19597/20993>

Fecha de recepción: 18 de noviembre de 2025

Fecha de revisión: 16 de enero de 2026

Fecha de aceptación: 9 de marzo de 2026